

# Tipologia Socioeconômica das Famílias das Grandes Regiões Urbanas Brasileiras e seu perfil de gastos\*

Fernando Gaiger Silveira<sup>S</sup>  
Beatriz Bertasso<sup>-</sup>

Palavras Chaves: Grupos socioeconômicos; Famílias brasileiras metropolitanas; perfil de gastos.

## Resumo

A elaboração de uma tipologia socioeconômica das famílias metropolitanas brasileiras e a análise dos perfis de gastos e de recebimento desses grupos familiares são os principais resultados do presente trabalho. Para tanto, utilizou-se da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 1995/96 realizada pelo IBGE, que abrangeu os onze principais centros urbanos do país, representando, na época, 29,5% da população nacional.

Utilizou-se a família como unidade de investigação, uma vez que são nas famílias que se tomas as decisões de consumo, decisões estas definidas em função de suas características sociais, econômicas e demográficas. Assim, selecionaram-se 24 variáveis que, grosso modo, retratam o nível de renda da família, as características da pessoa de referência, a qualidade do domicílio, o tamanho e a composição da família e a importância dos gastos alimentares. Aplicou-se a esse conjunto de variáveis o método de análise fatorial/componentes principais, chegando-se a cinco componentes, que respondem por 58,6% da variância total das variáveis. Cada um desses fatores/componentes sintetiza um aspecto socioeconômico e demográfico das famílias, tendo sido assim designados: riqueza, tamanho das famílias, idade do chefe e da família, dependência e padrão alimentar. Em um segundo momento, aplicou-se o método de classificação – *cluster analysis* – aos valores dos cinco fatores, tendo sido, então, determinados dez grupos familiares.

Verificou-se a presença de perfis de gastos e de recebimento bem definidos, tendo em conta as características de cada um dos grupos. Assim, os grupos familiares pobres apresentam elevada participação dos gastos com alimentos básicos, transporte urbano, remédios e fumo, enquanto os grupos de maior renda, os gastos com habitação, serviços públicos, planos de saúde e, quando contam com significativa presença de crianças e adolescentes, com educação. Por outro lado, os grupos familiares, onde há uma maior presença de idosos, destacam-se os gastos com saúde e com a alimentação no domicílio. No que concerne ao recebimento, prevalecem, nos grupos pobres, os rendimentos oriundos do trabalho de empregado e de conta-própria, enquanto nos grupos de maior renda, os rendimentos de empregador e provenientes de aplicações financeiras encontram-se bem acima da média dos grupos. Quanto às transferências, especialmente, as aposentadorias, essas se destacam nos grupos familiares com chefes idosos. Assim, cabe destacar, que, além da renda, o tamanho da família, sua composição etária e a idade do chefe explicam, em grande medida, o perfil de consumo das famílias.

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População. ALAP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 18-20 de setembro de 2004.

\* Doutorando em Economia pelo IE/UNICAMP e Pesquisador do IPEA -DISET (Brasília) ([gaiger@ipea.gov.br](mailto:gaiger@ipea.gov.br))

♦ Doutorando em Economia pelo IE/UNICAMP.

# Tipologia Socioeconômica das Famílias das Grandes Regiões Urbanas Brasileiras e seu perfil de gastos\*

Fernando Gaiger Silveira<sup>S</sup>  
Beatriz Bertasso<sup>-</sup>

## 1. Introdução

A elaboração de uma tipologia socioeconômica das famílias metropolitanas brasileiras e a análise dos perfis de gastos e de recebimento desses grupos familiares são os principais resultados do presente trabalho. Para tanto, valeu-se da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 1995/96 realizada pelo IBGE, que abrangeu os onze principais centros urbanos do país, representando, na época, 29,5% da população nacional.

Utilizou-se a família como unidade de investigação, uma vez que são as famílias o “locus” de decisão quanto ao consumo, sendo este definido em função das características sociais, econômicas e demográficas da família. Assim, selecionaram-se 24 variáveis que, grosso modo, retratam o nível de renda da família, as características da pessoa de referência, a qualidade do domicílio, o tamanho e a composição da família e a importância dos gastos alimentares. Aplicou-se a esse conjunto de variáveis o método de análise fatorial/componentes principais, chegando-se a cinco componentes, que respondem por 58,6% da variância total das variáveis. Cada um desses fatores/componentes sintetiza um aspecto socioeconômico e demográfico das famílias, tendo sido assim designados: riqueza, tamanho das famílias, idade do chefe e da família, dependência e padrão alimentar. Em um segundo momento, aplicou-se o método de classificação – cluster analysis – aos valores dos cinco fatores, identificando-se, então, dez grupos familiares. Grupos estes distintos uns dos outros e representativos das famílias metropolitanas brasileiras.

Verificou-se a presença de perfis de gastos e de recebimento bem definidos, tendo em conta as características de cada um dos grupos. Conforme o esperado, os grupos familiares pobres apresentam elevada participação dos gastos com alimentos básicos, transporte urbano, remédios e fumo, enquanto os grupos de maior renda, os gastos com habitação, serviços públicos, planos de saúde e, quando contam com significativa presença de crianças e adolescentes, com educação. Por outro lado, os grupos familiares, onde há uma maior presença de idosos, destacam-se os gastos com saúde e com a alimentação no domicílio. No que concerne ao recebimento, prevalecem, nos grupos pobres, os rendimentos oriundos do trabalho de empregado e de conta-própria, enquanto nos grupos de maior renda, os rendimentos de empregador e provenientes de aplicações financeiras encontram-se bem acima da média dos grupos. Quanto às transferências, especialmente, as aposentadorias, essas se destacam nos grupos familiares com chefes idosos. Assim, cabe destacar, que, além da renda, o tamanho da família, sua composição etária e a idade do chefe são extremamente importantes na definição do padrão de consumo das famílias.

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População. ALAP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 18-20 de setembro de 2004.

\* Doutorando em Economia pelo IE/UNICAMP e Pesquisador do IPEA -DISET (Brasília) ([gaiger@ipea.gov.br](mailto:gaiger@ipea.gov.br))

♦ Doutorando em Economia pelo IE/UNICAMP.

## 2. Metodologia

### 2.1. Base de dados

A base de dados utilizada é a Pesquisa de Orçamentos Familiares, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, entre outubro de 1995 e setembro de 1996, a POF 95-96 do IBGE. A POF 95-96 reuniu dados de 16.060 famílias das regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, além de Brasília-DF e do município de Goiânia. Essa amostra representa 12.544.069 famílias brasileiras, correspondendo a 29,54% da população residente no país no período (46.393.223 famílias com 157.070.163 pessoas) <sup>1</sup>.

Apesar de a pesquisa também fornecer dados domiciliares e pessoais, a unidade de investigação aqui utilizada é a família. A unidade familiar é tida como de grande relevância para a estruturação de políticas sociais.

Da amostra da POF 95-96, não foram utilizadas as observações (famílias) que não apresentaram informações sobre a idade de cada um dos seus componentes, o nível de instrução do 'chefe' da família, as que não declararam rendimentos ou despesas e as que não apresentaram nenhum gasto alimentar. Assim, das 16.060 famílias entrevistadas pelo IBGE, somente 15.512 foram objeto de estudo, representando, na população, 12.118.658 famílias e 45.122.380 pessoas.

### 2.2. As variáveis

Foram estabelecidos 5 grupos de variáveis que poderiam ser determinantes de diferentes padrões socioeconômicos. Estes grupos estariam associados: i. à renda familiar; ii. às características das pessoas de referência ('chefes') das famílias; iii. à 'qualidade' dos domicílios e ao 'tamanho' das famílias (número de familiares); iv. à composição etária das famílias; e, finalmente; v. ao seu padrão de gastos alimentares.

Os grupos de variáveis podem ser observados no quadro 1, sendo que todas as análises estatísticas foram feitas utilizando os fatores de ponderação (fatores de expansão da amostra) fornecidos pelo IBGE para a família.

---

<sup>1</sup> Dados da contagem populacional de 1996 (Anuário Estatístico do Brasil – 1997).

## Quadro 1 Grupos de variáveis

Grupo 1: Renda <sup>1</sup>	
LRPERCAP	Logaritmo da renda familiar <i>per capita</i>
INSUFMRC	Insuficiência de renda <sup>2</sup>
LDSPPER	Logaritmo do desembolso familiar <i>per capita</i>
AUTSOM	Número de automóveis por família
MAQSOM	Número de máquinas de lavar roupa por família
MICSOM	Número de fornos de microondas por família
Grupo 2: Características da pessoa de referência da família	
IDADECHF	Idade do chefe da família
SEXOCHEF	Sexo do chefe da família (Masculino:1; Feminino:0)
INSTRCHF	Anos de estudo do chefe da família
Grupo 3: qualidade dos domicílios e 'tamanho' das famílias	
TOTPEP	Número de pessoas na família
ADULTEQ	Número de adultos-equivalente da família <sup>3</sup>
ABASTH2O	Abastecimento de água do domicílio (Bom:1; Ruim:0)
ESGOTAM	Esgotamento sanitário do domicílio (Bom:1; Ruim:0)
DENSMOR	Densidade: número de pessoas moradoras em relação ao número de cômodos do domicílio
Grupo 4: composição etária das famílias	
FAIXAE1*	proporção de pessoas de 0 a 10 anos na família
FAIXAE2*	proporção de pessoas de 10 a 20 anos na família
FAIXAE3*	proporção de pessoas de 20 a 30 anos na família
FAIXAE4*	proporção de pessoas de 30 a 50 anos na família
FAIXAE5*	proporção de pessoas de 50 a 65 anos na família
FAIXAE6	proporção de pessoas de 65 a 120 anos na família
PROPDEP	Proporção de dependentes na família <sup>4</sup>
Grupo 5: 'peso' dos gastos alimentares	
WNODOM	Participação da 'alimentação no domicílio' nos gastos alimentares das famílias
WFORA	Participação da 'alimentação fora domicílio' nos gastos alimentares das famílias
SALIM	Participação dos gastos alimentares no desembolso das famílias

Elaboração dos autores

\* Intervalos fechados no limite superior

<sup>1</sup> Todos os dados de 'valor' referem-se a valores de setembro de 1996.

<sup>2</sup> Variável binária indicando se a renda familiar *per capita* é inferior à linha de indigência regional (1: há insuficiência de renda) (Arias, A. R. *Estimativas de indigência e pobreza no Brasil no período 1990/1996: resumo metodológico e resultados*. Ipea, Brasília, mar. De 1999. Documento preparado no âmbito do Projeto Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas, mimeo)

<sup>3</sup> A transformação das pessoas em adultos-equivalente foi feita com base nas suas idades (Rocha, Sônia. *Renda e Pobreza – Medidas Per Capita versus Adulto-Equivalente*. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para discussão n° 609, nov.1998)

<sup>4</sup> Pessoas com menos ou 10 anos de idade e com 65 anos ou mais, em relação ao número total de pessoas na família.

Foi possível observar a existência de altas correlações não só entre as variáveis dos grupos preestabelecidos, mas também entre variáveis de diferentes grupos.

A proporção de crianças de 0 a 10 anos e idosos nas famílias (FAIXAE1 e FAIXAE6) correlacionam-se forte e positivamente com a variável proporção de dependentes (PROPDEP), o que não ocorre com as demais faixas etárias. Apesar de o número de crianças na população ser muito maior do que o de idosos (9.254.714 crianças contra 2.395.190 idosos), a correlação entre o último grupo e a variável 'proporção de dependentes' foi mais forte, o que reflete a existência de famílias compostas apenas por pessoas de 65 anos ou mais.

Correlações fortes e positivas também foram encontradas entre as variáveis TOTPES (número de pessoas na família), ADULTEQ (número de adultos-equivalente da família) e DENSMOR (densidade de moradores) – um resultado esperado. As variáveis ABASTH2O (abastecimento d'água do domicílio) e ESGOTAM (esgotamento sanitário do domicílio) se correlacionaram negativamente com a densidade de moradores (DENSMOR) e positivamente com o nível de renda familiar per capita (LRPERCAP), assim como com o nível de instrução do 'chefe' do domicílio (INSTRCHF). Ou seja, as condições de saneamento básico tendem a ser piores nos domicílios mais densamente povoados, pobres e cujo 'chefe' possui baixa instrução.

A densidade de moradores do domicílio (DENSMOR) tende a ser maior nas famílias onde existe uma grande proporção de crianças, nas famílias em que o nível de instrução do 'chefe' é baixo, assim como naquelas de baixo nível de renda familiar per capita. A variável DENSMOR se correlaciona positivamente com a INSUFMRC, ou seja, quanto maior a densidade de moradores nos domicílios, maior a probabilidade de sua renda estar abaixo da linha de pobreza.

As correlações encontradas entre as variáveis que caracterizam os 'chefes' das famílias (idade, sexo e nível de instrução) foram baixas. Tanto o nível de instrução (INSTRCHF), como o sexo (SEXOCHEF), se correlacionaram negativamente com a idade do chefe (IDAECHF) – quanto mais velhos o 'chefe' da família, menor tende a ser sua escolaridade e maior é a probabilidade de ser do sexo feminino. Esses resultados são compatíveis com a realidade de uma esperança de vida maior para as mulheres do que para os homens e de crescente nível de instrução para as gerações mais novas.

Fora do grupo específico (Grupo 2), a idade do 'chefe' (IDAECHF) se correlaciona negativamente com a proporção de crianças nas famílias (FAIXAE1), e com a proporção de jovens de 20 a 30 anos (FAIXAE3), indicando que as famílias com alta proporção de crianças tendem a ser chefiadas por pessoas relativamente jovens e a existência de famílias formadas apenas por jovens. A correlação entre a idade do 'chefe' e a proporção de pessoas de 51 anos ou mais nas famílias (FAIXAE5 e FAIXAE6) é forte e positiva, indicando que muitos 'chefes' devem estar nessas faixas etárias e/ou que famílias com 'chefes' nesta faixa etária já não têm mais seus filhos morando no mesmo domicílio.

O número de anos de estudo do 'chefe' da família (INSTRCHF), além de se correlacionar positivamente com a qualidade do saneamento dos domicílios (ABASTH2O e ESGOTAM), também apresenta alta correlação positiva com as variáveis associadas ao nível de renda familiar e à participação dos gastos alimentares em alimentação fora dos domicílios (WFORA). Quanto maior a instrução do 'chefe', menor a participação dos gastos alimentares no seu desembolso global (SALIM) e maior a proporção de gastos em consumo alimentar fora dos domicílios nas despesas de em alimentação em geral (WFORA).

As variáveis do Grupo 1 (associadas à 'renda'), além da relação com as demais variáveis, apresentaram altas correlações entre si.

Quanto maior o nível de renda ou desembolso familiar per capita, menor a participação da alimentação no domicílio no orçamento alimentar (WNODOM), e menor é a participação do orçamento alimentar no desembolso geral das famílias (SALIM) – respeitando a lei de Engel. A renda familiar per capita se correlaciona negativamente com a presença de crianças (FAIXAE1) e com as variáveis que denotam o tamanho das famílias (TOTPES, ADULTEQ, DENSMOR).

### *2.3. Métodos*

A base de dados aqui utilizada constitui uma matriz de  $n$  observações para  $k$  variáveis. O elemento  $X_{ij}$  dessa matriz é a  $i$ -ésima característica socioeconômica da  $j$ -ésima família. A matriz pode ser analisada tanto no espaço das observações (famílias) como no espaço das

variáveis (características socioeconômicas). A proposta do estudo é de gerar grupos de observações (famílias) que apresentariam diferentes características socioeconômicas. Para tanto, julga-se interessante reduzir o número de variáveis que serão utilizadas na classificação das observações, o que se fará por meio da análise fatorial, pelo método das Componentes Principais.

A técnica de Componentes Principais simplifica a representação da estrutura dos dados, e seus resultados podem ser utilizados em substituição às variáveis originais para gerar a classificação das observações. A justificativa para partir da análise de componentes principais e não das variáveis originais é que ela pode funcionar como um 'filtro' da informação bruta, conservando apenas o que ela tem de mais importante em sua estrutura' (Kageyama, 1999).

Essa técnica estabelece combinações lineares das variáveis originais que 'expliquem' o máximo da sua variância. De forma simplificada, cada componente principal, ou fator, passa a representar um grupo de variáveis altamente correlacionadas entre si. Para uma apresentação algébrica da técnica, cita-se Hoffmann (1999).

As técnicas de classificação, por sua vez, consideram indivíduos semelhantes aqueles que apresentam coordenadas mais próximas. A partir de suas distâncias dois a dois<sup>2</sup>, o conjunto de observações é dividido em agrupamentos o mais semelhantes possível (Kageyama e Leone, 1999).

Aqui é utilizado um método de classificação hierárquica ascendente, que agrupa as observações sucessivamente, de forma a gerar grupos de observações que possuem as menores somas de quadrado dos desvios em relação às médias dos grupos (dado o número de agrupamentos proposto) – o método de Ward (Everitt, 1993).

### **3. Resultados**

#### *3.1. Os fatores*

A partir da matriz de correlações entre as 24 variáveis socioeconômicas apresentadas acima, no Quadro 1, foram extraídos os 5 primeiros componentes principais. O uso da matriz de correlações corresponde a substituir as variáveis originais pelas respectivas variáveis reduzidas, todas com variância igual a 1. Para facilitar a interpretação dos resultados, foi feita uma rotação pelo método VARIMAX.

Na Tabela 2 são apresentadas as cargas fatoriais, isto é, as correlações entre cada variável e cada fator (após a rotação).

A soma dos quadrados das cargas fatoriais em cada fator (colunas) reproduz a correspondente raiz característica, que dividida pelo número de variáveis dá a proporção da variância total das variáveis reduzidas explicada pelo fator. Assim o fator1 explica 18,81% da variância total das variáveis (reduzidas) e os fatores 2, 3, 4 e 5 explicam, respectivamente 11,46%, 10,08%, 9,40% e 8,83%, e o conjunto de fatores (1 a 5), explica 58,58% da variância total das variáveis (reduzidas).

No FATOR1, desta forma, observa-se que grande parte da variância das variáveis socioeconômicas captada refere-se às variáveis relacionadas diretamente ao nível de renda familiar per capita; ao nível de instrução do 'chefe' da família; às condições de moradia da família; à densidade de moradores por cômodo e à proporção dos gastos com alimentação no desembolso familiar. O fator associa altos níveis de renda per capita a um número relativamente maior de anos de estudo, às boas condições de moradia e à baixa participação dos gastos alimentares no desembolso global da família, podendo-se designá-lo por 'fator riqueza'.

---

<sup>2</sup> A medida de distância mais comumente usada nos métodos de classificação é a distância Euclidiana.

Para o FATOR2, observa-se alta correlação com a variável FAIXAE2 (alta proporção de adolescentes nas famílias), com as variáveis relacionadas ao ‘tamanho’ da família e com a densidade de moradores no domicílio. Assim, a presença de adolescentes se associa a famílias relativamente grandes e este fator será denominado por fator ‘tamanho das famílias’.

O FATOR3 associa-se negativamente à proporção de crianças e jovens, positivamente à proporção de pessoas de 51 anos ou mais, e, em grande medida, à idade do ‘chefe’ da família. Quanto mais velho o ‘chefe’ da família, menor tende a ser a proporção de crianças e jovens na mesma. Esse fator será chamado fator ‘idade do chefe’.

O FATOR4 correlaciona-se principalmente à baixa proporção de adolescentes e de pessoas na faixa etária de 30 a 50 anos, à alta proporção de crianças e idosos; à alta proporção de dependentes e à idade mais elevada dos ‘chefes’ de família. Esse fator passará a ser chamado de fator ‘dependência’, e na análise subsequente deve-se ter em conta que, neste fator, o maior peso atribuído à dependência deve-se à presença de pessoas idosas. Finalmente, o FATOR5 concentra informações sobre os hábitos alimentares – a participação dos gastos alimentares ‘no’ ou ‘fora do’ domicílio - e será identificado como ‘padrão alimentar’.

**Tabela 1**  
**Componentes Principais**

Variáveis	FATOR1	FATOR2	FATOR3	FATOR4	FATOR5	Comunalidade
WNODOM	-0,148	0,020	0,031	0,062	-0,971	0,971
WFORA	0,148	-0,020	-0,031	-0,062	0,971	0,971
SALIM	-0,517	0,050	0,074	0,111	-0,004	0,288
FAIXAE1	-0,167	0,143	-0,783	0,309	-0,116	0,770
FAIXAE2	-0,075	0,560	0,242	-0,453	-0,040	0,584
FAIXAE3	-0,089	-0,353	-0,401	-0,112	0,204	0,348
FAIXAE4	0,200	0,024	-0,047	-0,397	-0,010	0,201
FAIXAE5	0,013	-0,154	0,559	-0,042	-0,016	0,339
FAIXAE6	0,075	-0,130	0,397	0,781	-0,058	0,793
TOTPES	-0,119	0,895	-0,268	0,007	-0,010	0,886
ADULTEQ	-0,074	0,912	-0,136	-0,106	0,022	0,868
PROPDEP	-0,062	-0,017	-0,222	0,928	-0,136	0,933
ABASTH2O	0,437	-0,052	0,095	-0,027	-0,070	0,208
DENSMOR	-0,466	0,525	-0,330	0,030	-0,024	0,603
ESGOTAM	0,501	-0,052	0,096	-0,008	-0,036	0,265
IDADECHF	0,101	0,148	0,773	0,477	-0,033	0,858
SEXOCHEF	0,133	0,170	-0,327	-0,087	0,033	0,162
INSTRCHF	0,643	-0,165	-0,295	-0,150	0,126	0,566
LRPERCAP	0,816	-0,262	0,115	-0,052	0,220	0,799
INSUFMRC	-0,601	0,235	-0,152	0,081	-0,108	0,458
LDSPPER	0,796	-0,276	0,073	-0,083	0,236	0,778
AUTSOM	0,695	0,160	-0,075	-0,013	0,090	0,523
MAQSOM	0,685	0,156	0,005	0,049	0,011	0,496
MICSOM	0,614	0,078	-0,031	0,042	0,071	0,391
proporção da variância explicada, por fator	18,81	11,46	10,08	9,40	8,83	
proporção da variância explicada, acumulada	18,81	30,27	40,35	49,75	58,58	

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

### 3.2. Os grupos familiares

Aplicando o método de classificação (cluster analysis) aos valores dos 5 fatores descritos, foram determinados 10 grupos familiares. A determinação do número de grupos é, segundo a metodologia, arbitrária. A opção aqui adotada deve-se aos resultados obtidos – o

estabelecimento de um número razoável de grupos, com características relativamente marcantes e distintas entre si.

Na tabela 3 podem ser observados os grupos, sua representatividade na população abrangida pela POF, e os respectivos valores médios dos fatores; nas duas tabelas seguintes (4 e 5) são apresentados, para cada um dos 10 grupos, os valores médios de indicadores socioeconômicos e demográficos – a composição etária familiar, a idade do chefe, a proporção de dependentes, o recebimento mensal familiar *per capita* (chamado, muitas vezes, por renda *per capita*), o desembolso médio mensal familiar *per capita*, a escolaridade do chefe, o tamanho da família, as faixas etárias mais expressivas e a participação da alimentação extra-domiciliar no orçamento alimentar.

Quando da aplicação dos métodos de Componentes Principais e de Agrupamentos, sendo a família a unidade básica de análise, as observações foram ponderadas pelos fatores de expansão da amostra fornecidos pelo IBGE. Para o cálculo dos valores médios dos indicadores socioeconômicos e demográficos de cada grupo familiar, quando estes se referiam às pessoas (proporção de pessoas de cada faixa de idade no total de pessoas na família, desembolso familiar mensal *per capita*, recebimento mensal familiar *per capita* e gastos mensais familiares *per capita* com consumo), o fator de ponderação utilizado foi o resultado do produto do fator de expansão do IBGE pelo número de pessoas da família.

**Tabela 2**  
**Os Grupos Familiares**

Grupos	Total de Famílias		Total de Pessoas	Fator1 – riqueza	Fator2 – tamanho família	Fator 3 – idade chefe	Fator 4 – dependência	Fator 5 – padrão alimentar
	Amostra	Universo (1000)	Universo (1000)					
<b>Geral</b>	15.512	12.119	45.122					
<b>1</b>	241	1.981	8.908	0,892	0,684	-0,007	-0,447	-0,155
<b>2</b>	1.578	1.339	4.138	0,292	-0,539	-0,660	0,059	1,567
<b>3</b>	158	1.341	2.64	0,172	-1,136	0,117	-0,936	-0,263
<b>4</b>	1.674	1.441	5.172	0,372	-0,440	-1,245	0,270	-0,666
<b>5</b>	2.819	2.093	7.663	-0,489	0,119	0,719	-0,673	-0,530
<b>6</b>	434	461	706	0,282	-0,748	1,262	3,082	-0,483
<b>7</b>	1.342	1.122	3.298	0,052	-0,211	1,054	1,152	-0,051
<b>8</b>	1.939	1.178	5.844	-1,214	0,392	-0,964	0,474	-0,285
<b>9</b>	795	433	3.535	-0,725	2,317	0,019	0,284	0,276
<b>10</b>	941	731	3.215	-0,472	0,535	0,540	-0,428	1,539

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

**Tabela 3**  
**Composição etária e proporção média de dependentes dos Grupos Familiares**

Grupos	Faixa E1	Faixa E2	Faixa E3	Faixa E4	Faixa E5	Faixa E6	Propdep
<b>1</b>	13,66	32,16	10,13	35,87	7,27	0,90	14,56
<b>2</b>	28,95	3,94	32,67	26,54	5,52	2,38	31,33
<b>3</b>	0,09	8,64	38,30	37,21	15,70	0,05	0,15
<b>4</b>	44,27	1,72	24,63	28,26	0,74	0,37	44,64
<b>5</b>	8,07	33,61	10,87	28,82	17,57	1,07	9,14
<b>6</b>	0,06	0,02	0,02	0,54	0,78	98,58	98,65
<b>7</b>	7,17	8,27	10,63	17,56	23,02	33,35	40,52
<b>8</b>	43,83	13,62	17,83	20,16	2,72	1,84	45,67
<b>9</b>	23,57	32,38	13,37	20,12	6,11	4,45	28,02
<b>10</b>	9,27	32,47	17,30	27,24	12,04	1,67	10,94
<b>Total</b>	20,51	20,34	17,27	27,25	9,32	5,31	25,82

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

Tabela 4

Recebimento mensal familiar *per capita*, desembolso mensal familiar *per capita*, “poupança”, idade do chefe, escolaridade do chefe, tamanho da família, proporção da alimentação fora do domicílio no orçamento alimentar, faixas etárias de maior expressão nas famílias.

Grupos	Recebimento per capita (A)	Desembolso per capita (B)	Superávit orçamentário $(((A-B)/A)*100)$ (1)	idade do chefe	anos de estudo do chefe	tamanho médio da família	média da proporção da alimentação fora do domicílio (2)	Faixas etárias de maior expressão na família <sup>1</sup>			
								Primeira	%	Segunda	%
1	690,66	566,88	17,92	44,29	10,9	4,5	20,3	Faixa E4	35,87	Faixa E2	32,16
2	757,96	688,24	9,20	36,55	11,2	3,1	63,6	Faixa E3	32,67	Faixa E4	26,54
3	797,25	691,78	13,23	38,79	10,0	2,0	14,5	Faixa E3	38,30	Faixa E4	37,21
4	477,55	436,73	8,55	32,95	10,5	3,6	7,0	Faixa E1	44,27	Faixa E4	28,26
5	204,33	174,94	14,38	48,27	6,5	3,7	6,3	Faixa E2	33,61	Faixa E4	28,82
6	772,35	566,55	26,65	74,62	6,8	1,5	3,4	Faixa E6	98,58	Faixa E5	0,78
7	672,07	533,45	20,63	67,60	6,7	2,9	16,3	Faixa E6	33,35	Faixa E5	23,02
8	82,9	82,91	-0,01	36,86	5,8	5,0	8,6	Faixa E1	43,83	Faixa E4	20,16
9	140,51	126,32	10,10	53,20	5,0	8,2	19,3	Faixa E2	32,38	Faixa E1	23,57
10	280,69	238,68	14,97	47,74	7,0	4,4	59,3	Faixa E2	32,47	Faixa E4	27,24
<b>Total</b>	444,94	380,81	14,41	45,28	8,5	3,7	20,6	Faixa E4	27,25	FaixaE1	20,51

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

(1): Não se observa uma correspondência entre o recebimento e o desembolso, podendo se afirmar que, quando há superávit, algumas despesas não foram discriminadas. Isto porque o desembolso abrange todos os gastos efetuados com consumo, com impostos e contribuições, com pagamento de dívidas e com as aplicações financeiras. E, por outro lado, no caso do recebimento são investigados todos os ganhos sejam com trabalho, com transferências, com aluguéis, com vendas, com empréstimos e com aplicações de capital. Cabe citar, nesse sentido, que nos dados publicados pelo IBGE, observam-se déficits orçamentários de envergadura para as famílias de renda inferior. Efetivamente, para o total das áreas, as famílias com renda até 3 salários mínimos apresentam, inclusive, déficits orçamentários para as despesas de consumo. O déficit entre recebimento total e desembolso global estende-se até as famílias com renda inferior a 8 salários mínimos.

(2) Para se chegar este valor, considerou-se, primeiro, a proporção da alimentação fora do domicílio nos gastos alimentares totais em cada uma das 15.012 famílias. Em uma segunda etapa, calculou-se a média das participações da alimentação fora em geral e para cada grupo familiar, ponderando-se pelo fator de expansão do IBGE. Esta média é calculada democraticamente, isto é, a proporção do gasto alimentar extradomicílio tem o peso da família no universo do grupo. A outra forma consiste em simplesmente dividir os gastos alimentares extradomiciliares pelos gastos alimentares totais (ambos expandidos pelo fator de expansão do IBGE) para toda a população e individualmente para cada grupo familiar. A esta segunda forma se denomina de cálculo econômico ou plutocrático. Edmar Bacha, em seu ensaio “O rei da Belíndia (uma fábula para tecnocratas)”, discute as repercussões de cada um desses cálculos (In: BACHA, Edmar. *Os mitos de uma década: ensaios de economia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p. 57-61).

Observando-se, na tabela 3, os valores médios do **FATOR1**, é possível inferir que os grupos **1**, **8** e **9** apresentam um comportamento bastante diferenciado dos demais quanto à variável renda *per capita* e suas correlacionadas – o primeiro por sua relativa ‘riqueza’ e os outros dois pela ‘pobreza’. Se forem tomados os valores estritos do recebimento médio *per capita* de todas as famílias da região compreendida pela POF e de cada grupo familiar destacadamente, apresentados na tabela 5, poderia-se apresentar tanto as famílias do grupo **1** como as dos grupos **2**, **3**, **6** e **7**, como relativamente ricas. Entretanto, o que distingue o primeiro dos demais é que, além de apresentar um recebimento acima da média geral, suas famílias também possuem muitos bens de consumo duráveis e seus domicílios apresentam boas condições de saneamento básico.

De forma semelhante, ainda que os grupos **5** e **10** também possam ser considerados relativamente pobres, é visível que o nível de recebimento médio *per capita* dos grupos **8** e **9** reflete um baixíssimo poder de compra das famílias aí compreendidas. O grupo **4**, por sua vez, pouco se distinguiu do comportamento médio das famílias quanto ao **FATOR1**. Observando o comportamento desses grupos quanto à variável renda ‘e suas associadas’, seria possível estabelecer, de forma grosseira, uma distribuição da ‘riqueza’ entre as pessoas da região analisada, dizendo que 44,9% delas pertenceria a grupos familiares pobres, ou muito pobres; 11,5% a grupos de rendimento médio; e 43,6% a grupos ricos ou muito ricos.

Para o **FATOR2**, pode-se fazer análise similar. Segundo seus dados médios, o grupo **9** concentra as famílias com maior número de pessoas, e o **6** as de menor número de componentes. De fato, pelos dados da tabela 5, o primeiro apresenta um tamanho médio de 8,2 pessoas por família e o segundo de 1,5. Se todos os grupos fossem ordenados segundo o tamanho médio das famílias, também seria possível estabelecer uma segmentação deles em relação ao tamanho médio das famílias da POF. Os grupos **1**, **8**, **9** e **10** poderiam ser tomados como os das ‘grandes famílias’, abarcando 35,7% das famílias e 47,7% das pessoas das áreas analisadas; os grupos **4** e **5** compreenderiam as ‘famílias médias’, reunindo 29,2% das famílias e 28,4% das pessoas; e, os grupos remanescentes (**2**, **3**, **6** e **7**) seriam tidos com os de ‘pequenas famílias’, envolvendo 35,2% das famílias e 23,9% da população. Note-se que o conjunto das ‘grandes famílias’, embora totalize um número de famílias semelhante ao de ‘pequenas famílias’, envolve uma proporção sensivelmente maior de pessoas; e que o conjunto das ‘famílias médias’ constitui pouco menos de 30% das famílias e das pessoas do universo analisado. Seria interessante examinar, a esta altura, a relação entre os dois aspectos até agora levantados – a ‘riqueza’ das famílias e seu ‘tamanho’. Como já salientado na seção 2.2, há uma correlação negativa entre as variáveis relacionadas ao nível de renda das famílias e as relacionadas ao seu tamanho – o que se confirma na observação dos diferentes grupos. Dos quatro grupos relativamente pobres, somente o **5** apresentou um tamanho similar à média geral, e todos os demais possuem, em média, mais de 3,7 pessoas por família. De forma similar, entre os ‘ricos’, apenas o grupo **1** concentra famílias com tamanho médio superior àquele número – podendo-se associar, em geral, as famílias ‘ricas’ às ‘pequenas famílias’.

O **FATOR3** é aquele que representa a idade do chefe, a alta proporção de pessoas de 51 anos ou mais nas famílias, e a baixa proporção de crianças e jovens (FAIXAE1 e FAIXAE3) nas mesmas. Daqui por diante aqueles grupos de famílias que apresentarem valores médios do **FATOR3** negativos serão tratados por grupos de famílias ‘jovens’, e os demais por grupos de famílias ‘velhas’. Assim, as famílias dos grupos **2**, **4** e **8** poderiam ser consideradas ‘jovens’ e as dos **5**, **6** e **7** de ‘velhas’. As dos grupos **1**, **3**, **9** e **10** poderiam, desta maneira, ser tratadas simplesmente por famílias de perfil etário padrão. Mais uma vez, é possível relacionar o perfil etário das famílias aos fatores já analisados. A idade do chefe correlaciona-se positivamente à renda familiar *per capita* e negativamente ao tamanho das famílias. A presença de pessoas de 51 anos ou mais nas famílias relaciona-se positivamente à renda e negativamente ao tamanho das famílias, valendo a relação inversa para as famílias

com alta proporção de crianças e jovens. Embora o valor absoluto dessas correlações seja bastante baixo, poder-se-ia dizer, grosseiramente, a partir dos seus sinais, que valores mais altos do **FATOR3** estariam associados a famílias de bom nível de renda e pequenas.

O grupo **1**, dentro do perfil etário padrão, aglomera famílias relativamente grandes e ricas, com grande proporção de adolescentes e de adultos na faixa dos 30 aos 50 anos (seu chefe tem, em média, 44 anos). O **2** reúne famílias ‘jovens’, relativamente pequenas e ricas, que concentram jovens e adultos na faixa de 20 a 50 anos. O **3**, como o **1**, apresenta um perfil etário médio – são famílias pequenas, relativamente ricas, e que também se constituem basicamente de jovens e adultos na faixa etária dos 20 aos 50 anos. O **4** é o grupo que concentra os chefes de família mais jovens – têm renda média, são de tamanho médio e se constituem primordialmente de crianças e adultos na faixa de 30 a 50 anos. O grupo **5** pode ser chamado, segundo as características até aqui exploradas, de ‘uma versão mais velha e pobre’ do **4**. São famílias pobres, médias, com chefes de idade ligeiramente superior à média geral e que se constituem basicamente de adolescentes e adultos na faixa de 30 a 50 anos. O **6** é um pequeno grupo constituído basicamente por pequenas famílias (muitas unipessoais), de idosos e de alta renda *per capita*. O **7** reúne famílias não tão ricas, nem tão pequenas como as do grupo anterior, mas que também tem grande participação de pessoas das faixas etárias mais elevadas. Os grupos **8** e **9** são os que reúnem as famílias mais pobres e numerosas – o primeiro caracterizando-se por ter muitas crianças, e o segundo muitas crianças e adolescentes. O **10** também se caracteriza por reunir famílias grandes e pobres – mas não tanto quanto as anteriores – e se constitui principalmente por adolescentes e adultos, na faixa dos 30 aos 50 anos.

O **FATOR4** – o fator ‘dependência’ - vai refletir, em boa medida, a presença de idosos e, em menor escala, de crianças, nas famílias. Assim, o alto valor médio do fator observado para os grupos **6** e **7** reflete a ‘alta’ proporção de idosos nesses grupos; os valores positivos, mas mais próximos de zero dos grupos **2**, **4**, **8** e **9** destacam a presença de crianças nas famílias; e os valores negativos observados para os grupos **1**, **3**, **5**, e **10** devem-se à baixa proporção observada tanto de crianças como de idosos.

Quanto ao padrão alimentar, caracterizado pelo **FATOR5**, os grupos **2** e **10** distinguem-se por reunir famílias que gastam uma altíssima proporção do seu orçamento alimentar com a alimentação feita fora dos domicílios – o primeiro grupo é de famílias ricas, pequenas e compostas prioritariamente de jovens e adultos de 20 a 50 anos de idade, e, o segundo, de famílias pobres, relativamente grandes, e compostas, em grande parte, por adolescentes e adultos de 30 a 50 anos -; e, os grupos **4**, **5** e **6** pelo padrão oposto, podendo-se associar a esse comportamento, qualitativamente, a presença de crianças no primeiro (**4**), a pobreza no segundo (**5**) e, a alta faixa etária do terceiro (**6**). (Tabela 6)

**Tabela 5**  
**Caracterização relativa das famílias, segundo os fatores.**

Grupo	‘Riqueza’	Tamanho	Perfil etário	dependência	Padrão alimentar: % da alimentação fora do domicílio
<b>1</b>	Ricas	Grandes	Padrão	Baixa	Padrão
<b>2</b>	Ricas	Pequenas	Jovens	Alta – crianças	Muito Alta
<b>3</b>	Ricas	Pequenas	Padrão	Baixa	Baixa
<b>4</b>	Padrão	Médias	Jovens	Alta – crianças	Muito Baixa
<b>5</b>	Pobres	Médias	Velhas	Baixa	Muito Baixa
<b>6</b>	Ricas	Pequenas	Velhas	Alta - idosos	Muito Baixa
<b>7</b>	Ricas	Pequenas	Velhas	Alta - idosos	Padrão
<b>8</b>	Pobres	Grandes	Jovens	Alta – crianças	Baixa
<b>9</b>	Pobres	Grandes	Padrão	Alta – crianças	Padrão
<b>10</b>	Pobres	Grandes	Padrão	Baixa	Muito Alta

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

### 3.3. Perfis de gasto e de recebimento

Para que o leitor possa acompanhar, em maiores detalhes, a análise dos dados de gastos e recebimentos médios dos distintos grupos socioeconômicos, seguem duas tabelas. Uma mostra o percentual da despesa média mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo grupos de despesa – a tabela 7 – e, a outra, o percentual do recebimento médio mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento – a tabela 8.

Sendo a renda uma das variáveis que provocam maior segmentação social – especialmente em países subdesenvolvidos, como o Brasil –, julga-se interessante fazer uma distinção prévia, de caráter geral, do perfil dos gastos dos relativamente ricos e pobres.

Comparando o comportamento dos diferentes grupos socioeconômicos ao comportamento médio das famílias da POF, é possível dizer que, de forma geral, os grupos ricos tendem a gastar uma parcela menor de seus orçamentos com produtos alimentícios, e que destes gastos, uma proporção menor que a média dirige-se às despesas com produtos alimentares básicos (a ‘cesta’<sup>3</sup>). Com relação às despesas com a ‘habitação’, pode-se dizer que a relação é oposta – são os pobres que tendem a gastar proporcionalmente menos com este item. Estas comparações ficam evidentes no quadro 1, onde observa-se a inversão entre a primeira e a segunda posição nos orçamentos de ricos e pobres dos itens ‘Habitação’ e ‘Alimentação’.

O comportamento dos grupos familiares ricos em relação aos diferentes sub-itens das despesas com a ‘habitação’ é bastante variável. Entre os pobres, com exceção do gasto com aluguel, há um comportamento bastante sistemático frente à proporção dos gastos. Gasta-se relativamente pouco em ‘impostos e taxas’ e na ‘manutenção do lar’<sup>4</sup> – refletindo, provavelmente, a baixa incidência de gastos com serviços domésticos e a precariedade dos domicílios (inclusive por sua localização, em grande parte nas periferias, ou mesmo pela sua ilegalidade). Gasta-se relativamente muito com ‘artigos de limpeza’, ‘mobiliários e artigos do lar’, ‘eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e tv’ e com ‘conserto e manutenção de artigos do lar’ – retratando os altos valores absolutos dos bens duráveis de consumo, e, possivelmente, o peso prolongado dessas despesas no orçamento dos mais pobres, que acabam por ter de recorrer ao crédito para obtê-los.

As famílias pobres apresentam um gasto relativo proporcionalmente maior que a média em ‘vestuário’, não havendo um comportamento sistemático entre as famílias ricas. Com relação aos sub-itens, as famílias ricas gastam metodicamente mais em ‘roupa de mulher’ e menos em ‘roupa de criança’; e as pobres caracterizam-se por gastar relativamente mais em ‘calçados e outros apetrechos’ e menos em ‘jóias e bijuterias’. As famílias pobres gastam relativamente menos que a média com o item ‘transportes’ (com exceção do grupo 10), caracterizando-se por gastar muito em ‘transporte urbano’ e pouco nos demais itens (‘veículo próprio’, ‘viagens’ e ‘outros’). O gasto relativo das famílias pobres com o item ‘higiene e cuidados pessoais’ excede a média, tendo destaque o sub-item ‘perfume’. Já a proporção de gastos com ‘assistência à saúde’ dessas famílias é inferior à média e, enquanto os sub-itens ‘seguro saúde’, ‘tratamento dentário’, ‘consulta médica’ e ‘hospitalização’ seguem essa tendência, as famílias pobres gastam muito mais proporcionalmente à média dos

---

<sup>3</sup> Refere-se à versão reduzida de cesta normativa proposta pela CEPAL (1989), sendo constituída de 41 produtos: açúcar, alho, arroz, banana, batata, biscoito doce, biscoito salgado, café, carne bovina de primeira, carne bovina de segunda, carne de suíno, cebola, couve, farinha de mandioca, farinha de trigo, fígado, feijão, frango, iogurte, laranja, leite, leite em pó, limão, lingüiça, macarrão, maionese, mandioca, manteiga, margarina, massa de tomate, óleos, pão francês, presunto, queijos, repolho, sal, salsicha, tomate, ovos, peixe, mortadela.

<sup>4</sup> O sub-item ‘Manutenção do lar’ agrega despesas com serviços domésticos, gás de bujão, lenha, dedetização, carvão vegetal, etc.

gastos com os ‘remédios’. Também são inferiores aos gastos relativos médios as despesas dos pobres com ‘educação’, provavelmente pelo pequeno acesso destes à rede particular de ensino (baixos gastos com os ‘cursos regulares de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar’). Gasta-se proporcionalmente mais com os itens ‘fumo’ e ‘serviços pessoais’ e menos com as ‘despesas diversas’ – particularmente com os ‘serviços de cartórios e de profissionais’. De maneira geral, observa-se que o padrão de gastos das famílias pobres é muito mais regular, sendo possível dizer, então, que o alto nível de renda permite muito mais idiosincrasias por parte dos consumidores.

Em relação à composição dos recebimentos segundo sua origem observa-se, grosso modo, o predomínio dos rendimentos do trabalho nos grupos familiares pobres (8, 9 e 10), especialmente como ‘empregados’ e ‘trabalhadores por conta-própria’, tendo por contrapartida a pequena participação dos ‘outros recebimentos’, onde se encontram os ganhos provenientes das aplicações de capital e das vendas. O outro grupo familiar pobre (5) foge deste padrão, com a participação dos recebimentos oriundos do trabalho situando-se em patamar similar ao da média dos grupos, destacando-se os ganhos provenientes das ‘transferências’. Esta categoria, as ‘transferências’, mostra-se bastante expressiva para os grupos familiares com alta proporção de idosos (6 e 7), implicando em perfis de recebimento bem discrepantes da média dos grupos.

Os grupos mais jovens, de renda elevada (1, 2 e 3), apresentam, grosso modo, uma composição dos recebimentos semelhante à média dos grupos, particularmente quanto à participação da renda originária do trabalho. Vale notar que no grupo 3 a rubrica ‘outros recebimentos’ tem uma participação relativamente elevada - situação que é também observada nos grupos familiares idosos e no grupo de renda média (4). Neste último, a parcela da renda originária do trabalho também é expressiva, o que resulta em baixas participações das rendas de transferências e de aluguéis comparativamente ao padrão médio dos grupos. São ainda passíveis de destaque as proporções relativamente altas dos rendimentos do trabalho sob a rubrica ‘empregador’ para os grupos 1, 2 e 6 e dos ‘empréstimos’ para os grupos 8 e 9. Segue abaixo a discussão sobre as peculiaridades dos perfis de gastos e recebimentos dos grupos socioeconômicos.

### **Grupo 1:**

Este grupo reúne as famílias relativamente ricas e grandes - com proporção expressiva de adolescentes -, chefes de idade ‘média’ e por apresentar um comportamento alimentar padrão. Apresentam baixos gastos relativos com a ‘alimentação’; altos com os ‘transportes’ – que se devem quase que integralmente às despesas com veículo próprio – e com a ‘assistência à saúde’ – destacando-se as altíssimas despesas com ‘seguro saúde’ e ‘tratamento dentário’. Os gastos com a ‘habitação’ contrariam, em parte, a tendência observada para o nível de renda elevada. O grupo 1 é o único entre as famílias ‘ricas’ que se destaca por uma proporção de gastos com o item abaixo da média, o que se deve, provavelmente, à baixíssima proporção de despesas com ‘aluguéis’. A parcela do orçamento dedicada à ‘educação’ aqui se sobressai muito, com peso destacado aos gastos com os ‘cursos regulares de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar’ – o que deve ser uma decorrência da combinação de um alto nível de renda e uma alta proporção de adolescentes nas famílias. O item ‘educação’ corresponde a 7,5% do orçamento médio do grupo 1, contra os 4,9% da média, sendo o quinto principal do orçamento destas famílias, contra a 7ª posição no orçamento médio da população.

Quanto à composição dos recebimentos segundo a sua origem, o grupo apresenta uma distribuição pelas principais categorias de origem relativamente próxima à da média, com exceção da participação das ‘transferências’- que responde por 9,7% do recebimento do grupo, enquanto representam 14,4% da média geral. Entre os sub-itens destaca-se a participação dos ganhos auferidos na posição de ‘empregador’ (11,7% contra 8,6%, na média) – característica em geral associada a grupos mais ricos – e o peso relevante das

transferências transitórias e dos aluguéis de bens imóveis na formação do recebimento médio do grupo.

### **Grupo 2:**

Aqui se agrupam famílias relativamente ricas e pequenas – ainda que com uma presença relativamente alta de crianças -, com jovens chefes de família e que priorizam o dispêndio alimentar fora do domicílio. A proporção de gastos com alimentos é bastante baixa. Concretamente, enquanto os gastos com alimentação representam 23,7% do orçamento médio, neste grupo sua participação é de 19,5%; e, enquanto seus gastos com produtos alimentares básicos ('cesta') representam somente 22% do orçamento alimentar, para a média da população esse número é de 46%. Os gastos relativos com a 'habitação' estão próximos à média, mas aqui se inverte a tendência observada para o grupo anterior. Essas famílias, talvez por ainda serem 'jovens', não devem possuir, em sua maioria, casa própria, sendo alta a proporção do orçamento gasta na forma de aluguel. Isso é compensado no conjunto de despesas com a 'habitação' por proporções de gasto abaixo da média com 'impostos e taxas', 'manutenção do lar', 'artigos de limpeza', 'eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e tv' e 'conserto e manutenção de artigos do lar'.

A proporção de gastos com 'transportes', acima da média (17,0% do orçamento, contra os 13,8% da média dos grupos), concentra altas despesas com 'veículo próprio', 'viagens' e 'outros'. Gasta-se relativamente pouco com a 'assistência à saúde', mas é mantida a alta proporção de gastos nos sub-itens 'seguro saúde' e 'tratamento dentário' – despesas típicas de famílias ricas. Nos dois grupos familiares até aqui tratados, a composição destes gastos é semelhante: há uma menor importância relativa dos gastos com 'medicamentos', e maior das despesas com 'seguro saúde' e, especialmente, com 'tratamento dentário'. Juntas estas despesas respondem, nesses grupos, por mais de 50% do orçamento com saúde, enquanto para a média dos grupos esta participação é de 44%. Os gastos com 'educação' do grupo 2 concentram-se em 'outros cursos' que não os regulares – algo que julga-se de acordo para famílias 'ricas', com jovens chefes que alcançaram um elevado nível de instrução e com baixa proporção de crianças (sendo estas, provavelmente, de pouca idade).

O perfil de recebimento deste grupo vem ao encontro daquilo que se espera para famílias relativamente ricas, pequenas e jovens, ou seja, é substancial a importância do 'rendimento do trabalho', de modo particular, dos rendimentos de 'empregadores', tendo por contrapartida uma menor participação das rendas provenientes de 'transferências' e, principalmente, de aluguéis. Nessa mesma direção, vale notar que dentre as 'transferências', as relativas à pensões alimentícias e bolsas de estudos encontram-se em patamares superiores de participação frente à média, ainda que sejam pouco expressivas. Vale ainda ressaltar a baixa relação consumo/desembolso do grupo, ou seja, os gastos com impostos diretos, diminuição do passivo e aumento do ativo representam quase 1/3 dos gastos totais.

### **Grupo 3:**

Grupo composto por famílias 'ricas', muito pequenas, com baixa dependência, com chefes relativamente jovens e que apresentam um comportamento alimentar padrão. Como esperado para famílias de alto nível de renda, a proporção do orçamento gasta em 'alimentos' é pequena e com a 'habitação' é alta (maior que a média) – tendo destaque, mais uma vez, os altos gastos com aluguéis.

Com o item 'transportes', gasta-se proporcionalmente pouco menos que a média, desta vez com um baixo peso relativo dos gastos com 'veículo próprio'. As despesas com 'transportes urbanos' se igualam à média e o destaque do grupo fica para as altas despesas relativas com as 'viagens'.

O gasto com a 'assistência à saúde' é similar ao da média da população, não havendo distinção significativa, inclusive, para os sub-itens até aqui mais destacados: 'seguro saúde' e

‘tratamento dentário’ (com o qual gasta-se, pelo contrário, bem abaixo da média). Embora o gasto com a ‘educação’ seja relativamente baixo, a proporção das despesas com os ‘outros cursos’, que não os regulares, é extremamente elevada – refletindo a baixa proporção de crianças e adolescentes nas famílias, a idade e o nível de instrução dos chefes: jovens com alto nível de instrução cuja ocupação exige, provavelmente, constante atualização técnica. Gasta-se mais que a média com as ‘despesas diversas’, e mais uma vez o destaque fica com o sub-item ‘outras’ despesas diversas.

Para o grupo, que se destaca por ser o de renda média mais elevada, os rendimentos do trabalho de ‘empregador’ não têm o mesmo destaque que para os dois grupos anteriores, também ‘ricos’. Aqui o que sobressai é a categoria ‘outros recebimentos’, em que predominam os ganhos com aplicações de capital e com vendas. De outra parte, a participação das ‘transferências’ e dos ‘aluguéis’ é bem inferior ao que se observa na média dos grupos. Logo, fica evidente que nesse grupo de famílias nucleares, jovens e ricas a renda provem do rendimento do trabalho, particularmente, de empregado, das aplicações de capital e das vendas esporádicas. Efetivamente, estas duas subcategorias respondem por 10,8% do recebimento total frente aos 7,8% para a média dos grupos. Assim como no grupo anterior, as pensões alimentícias e as bolsas de estudo apresentam participações relativamente elevadas.

#### **Grupo 4:**

Grupo possui um nível de renda médio, são de tamanho médio, com uma alta proporção de crianças, os chefes são jovens e prioriza-se o dispêndio com a alimentação a ser consumida no domicílio. Mesmo possuindo um nível de renda médio, a proporção de gastos com a ‘alimentação’ do grupo é inferior ao da população em geral, mas, talvez por ser composto de famílias relativamente numerosas, e principalmente por ter uma alta proporção de crianças, uma fração alta do gasto alimentar destina-se à aquisição de produtos básicos (da ‘cesta’).

As despesas com a ‘habitação’ são bastante significativas no orçamento dessas famílias – gasta-se 32,3% do orçamento de consumo com este item, enquanto a média da população registra um percentual de apenas 28,6%. No item ‘vestuário’, pouco diferenciado para os grupos anteriores, destaca-se a altíssima proporção dos gastos com ‘roupa de criança’, em detrimento das despesas com ‘roupa de homem’ e ‘roupa de mulher’. Os gastos com ‘transporte’, abaixo da média geral, concentram-se em despesas com ‘veículo próprio’.

O padrão de gastos com a ‘assistência à saúde’ ainda segue o dos ricos, estes se concentram entre os sub-itens ‘seguro saúde’, ‘tratamento dentário’ e ‘consulta médica’, havendo uma baixa proporção de despesas com ‘remédios’ – talvez não só devido ao nível razoável de renda, mas também pela pouca idade de seus componentes – e ‘outras’ despesas com a assistência à saúde. Os gastos com ‘educação’ são relativamente altos, concentrando-se nos ‘cursos regulares de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar’ –indicando um provável privilégio à educação formal das crianças. Neste mesmo sentido, as famílias deste grupo também gastam mais que proporcionalmente à média com ‘recreação e cultura’.

Se por um lado o grupo caracteriza-se por ter um nível de renda mais próxima da média, por outro, apresenta diferenças expressivas quanto à composição do recebimento segundo sua origem. Efetivamente, do mesmo modo que nos grupos de renda baixa, a participação do rendimento do trabalho deste grupo é bem superior à sua contribuição na média dos grupos, isto é, atinge a 83,9% do recebimento total contra os 74,1% observados na média. Esta ascendência do rendimento do trabalho tem por contrapartida uma participação muito inferior das ‘transferências’ - que respondem por tão somente 3,4% do recebimento total dessas famílias, enquanto na média dos grupos esse percentual é de 14,4%. Das outras fontes de recebimento – aluguéis e ‘outros recebimentos’ –, ainda que em conjunto tenham uma participação no recebimento total similar ao da média, destacam-se os ‘outros recebimentos’ (aplicações de capital e vendas esporádicas), em prejuízo dos aluguéis. O

quadro descrito acima se reflete, em termos de subcategorias de origem, em participações significativamente menores da previdência pública, das pensões alimentícias e da previdência privada. Crescem as parcelas do recebimento total originárias do rendimento do trabalho, dos conta próprias, das vendas e das aplicações de capital.

#### **Grupo 5:**

Neste grupo as famílias são pobres, de tamanho médio - com alta proporção de adolescentes -, com chefes de idade média e que priorizam a alimentação no domicílio. Corroborando a literatura sobre o tema, essas famílias têm uma alta proporção do orçamento destinado à aquisição de 'alimentos' - o gasto com alimentação assume a primeira posição entre os grandes itens de despesa, e os dispêndios com produtos alimentares básicos representam 63,6% do orçamento alimentar.

A proporção de gastos com a 'habitação' é inferior à média, contribuindo para isso a pequena proporção de despesas com a 'manutenção do lar' - envolvem os serviços domésticos. Gasta-se relativamente pouco também com os 'transportes' - concentradas nos 'transportes urbanos'. Outro item de despesa que deixa de ter uma alta participação relativa no orçamento é o de 'assistência à saúde' - onde os gastos típicos dos ricos deixam espaço para a alta proporção das despesas com 'remédios'. Na mesma linha seguem os gastos com 'recreação e cultura' e com 'educação' - ainda que as famílias tenham uma alta proporção de adolescentes, gasta-se muito pouco com os cursos regulares, recorrendo-se, provavelmente à rede pública de ensino, e mais com os 'outros cursos' e 'outros' gastos com educação.

Os gastos com 'fumo' passam a configurar um item mais relevante que para a média da população - o que ocorre com todos os grupos que possuem renda familiar *per capita* inferior à média da população. Observa-se assim, neste grupo, uma menor diversificação no orçamento, ou seja, poucos itens de despesa respondem pela quase totalidade dos gastos em consumo. Efetivamente, os gastos com produtos alimentares básicos ('cesta'), com 'habitação', com 'transporte urbano' e com 'remédios' representam quase 60% das despesas de consumo (na média dos grupos, 46,5%; no grupo 2 - segunda maior renda -, 39,0%; e grupo 8 - o mais pobre -, 64,3%).

No que se refere à estrutura do recebimento, segundo suas fontes, as diferenças frente à média dos grupos situam-se nas contribuições das 'transferências' e dos 'outros recebimentos'. De fato, a participação do rendimento do trabalho no recebimento total é praticamente igual à observada para a média dos grupos, ou seja, de cerca de 75%. Quanto às transferências, estas são responsáveis por 18,2% do recebimento total, superior à contribuição média de 14,4%. Como contrapartida, há uma queda na parcela devida aos 'outros recebimentos'. Observa-se, nesse grupo de famílias pobres, de acordo com as expectativas, que os rendimentos de 'empregador' são muito pouco significativos, tendo importância nos 'rendimentos do trabalho' o dos 'empregados' e, de modo especial, o dos 'conta-própria'. Nas 'transferências' se destacam as provenientes de aposentadoria de previdência pública e as 'pensões alimentícias'.

#### **Grupo 6:**

Este grupo reúne poucas famílias que se caracterizam por ser ricas, muito pequenas (muitas unipessoais), predominantemente de idosos e que priorizam a alimentação no domicílio. Embora a proporção dos gastos alimentares no orçamento, seguindo a tendência geral dos 'ricos', seja inferior à da média, as famílias deste grupo destinam grande parte destes recursos à aquisição de alimentos da 'cesta' - o que deve ter relação tanto com um tipo de alimentação mais tradicional, quanto com uma baixa proporção de gastos com a alimentação fora do domicílio.

Gasta-se muito com o item 'habitação'. São bastante altas as proporções destinadas aos 'impostos e taxas', e, sobretudo, à 'manutenção do lar', onde predominam os gastos com

‘serviços domésticos’. De fato, neste grupo, o pagamento de impostos e as despesas com manutenção do lar respondem por, respectivamente, 48,0% e 31,4% do orçamento habitacional, cabendo aos aluguéis uma participação de somente 8,9%. Para a média dos grupos, a composição dos gastos habitacionais é bastante distinta, pois enquanto o pagamento de impostos e, especialmente os gastos com manutenção são relativamente menores, com participações de 36,8% e 14,3% respectivamente, os aluguéis representam 21,8% dos dispêndios com a moradia.

As famílias deste grupo gastam relativamente pouco com ‘vestuário’ – concentração de despesas com ‘roupa de mulher’ e ‘tecidos e armarinhos’ (um gasto típico de ‘ricos’). O gasto com ‘transporte’ também é diminuto no grupo. As despesas se concentram não nos combustíveis, mas na ‘manutenção do veículo próprio’ e, sobretudo, nas ‘viagens’ – essas famílias devem usar pouco seus automóveis e ter como uma atividade comum de lazer as viagens.

O item ‘assistência à saúde’ tem grande peso no orçamento dessas famílias. A despesa relativa com ‘educação’ é muito inferior à média, mas é notável a alta proporção de gastos com os cursos regulares – indicando, provavelmente, ou uma ‘volta à escola’, após a aposentadoria, ou o custeio da educação de crianças ou adolescentes que não residem com as famílias do grupo. Também causa certa admiração a baixa proporção de gastos com ‘recreação e cultura’, principalmente por ocorrer uma certa concentração destes gastos na rubrica ‘brinquedos e jogos’ – seriam para a diversão dos netos?!

As ‘despesas diversas’ ganham importância neste grupo – destaque para as ‘cerimônias familiares e religiosas’. Verifica-se o quão distinto é o orçamento deste grupo ao se ordenar os subgrupos de despesa segundo sua participação nas despesas de consumo. Assim, enquanto seus dez principais itens de consumo são: impostos e taxas, manutenção do lar, produtos alimentares básicos, gastos alimentares extra-cesta, remédios, seguro saúde, outras despesas de saúde, outras despesas diversas, aluguel e viagens, os relativos à média dos grupos são: produtos alimentares básicos, gastos alimentares extra-cesta, impostos e taxas, aluguel, transporte urbano, manutenção do lar, eletrodomésticos, outras despesas diversas, cursos regulares e outras despesas com recreação e cultura.

Como esperado pela faixa etária que atinge, as ‘transferências’ predominam entre as fontes de renda do grupo. Concretamente, do recebimento total 60,2% são provenientes das transferências, especialmente da aposentadoria de previdência pública. Os rendimentos de aluguéis e os ‘outros recebimentos’ apresentam, também, participações superiores à média, sobressaindo-se entre eles as rendas de aluguéis de imóveis e as vendas esporádicas. Essas três subcategorias de origem do recebimento – aposentadoria de previdência pública, aluguéis de bens imóveis e vendas esporádicas – respondem por quase 2/3 do recebimento total, enquanto para a média dos grupos estas representam somente 1/6 da renda.

### **Grupo 7:**

Ele também se caracteriza por reunir famílias ricas, pequenas, com alta proporção de pessoas nas faixas etárias mais avançadas e com o chefe de idade média bastante elevada em relação aos demais, as suas famílias não são tão ricas, nem tão pequenas, contam com uma maior diversidade de faixas etárias, ainda que preponderem as mais elevadas e, além disso, apresentam um comportamento alimentar padrão quanto à preferência pela alimentação dentro/fora do domicílio. Mesmo que a ordenação da proporção das despesas em relação ao orçamento deste grupo siga a obedecida pelas demais famílias ricas, ele se distingue por apresentar uma proporção de gastos com ‘alimentação’ maior do que a média. A proporção de gastos com a ‘habitação’, ainda que esteja em posição superior à dos gastos com alimentos, aproxima-se dos valores médios. Como para os demais grupos com chefes de idade elevada, gasta-se relativamente pouco com ‘aluguel’ e mais com os outros sub-itens do conjunto de gastos com a habitação – também sendo muito baixos os gastos com ‘mobiliários

e artigos do lar' e 'eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e tv'. Seria isto uma característica das famílias já com a 'casa montada', ou uma nova tendência entre os jovens – o consumismo também na área de bens de consumo duráveis?

Gasta-se relativamente pouco com 'vestuário' e 'transportes' – importantes as despesas com 'viagens'. A 'assistência à saúde' volta a ser um item de despesa bastante importante. Já os gastos relativos com 'recreação e cultura' e 'educação' ficam abaixo da média, sendo destaque positivo no último os 'outros cursos', que não os regulares, e os 'outros' gastos com educação. Este grupo, ao invés do que ocorre com o anterior (o grupo 6), não privilegia os gastos com as 'despesas diversas', mais especificamente com as 'cerimônias familiares e religiosas'.

Assim como no grupo anterior, neste as 'transferências' também têm grande importância como fonte de renda. A participação destas situa-se ao redor de 40%, inferior à observada no 6, uma vez que nesse grupo (7) a composição etária das famílias é mais diversificada, com a participação expressivas das pessoas nas faixas de mais de 30 anos, de modo particular para as de 50 a 65 anos e em mais de 65 anos. Situação diferente do grupo anterior, onde a quase totalidade das pessoas tem 65 anos ou mais de idade. Assim, a contribuição do rendimento do trabalho é de maior envergadura nesse grupo, atingindo a 45,7% do recebimento total. Destaca-se a participação dos 'outros recebimentos', particularmente das aplicações de capital. Estas respondem por 9,2% do recebimento total, quase o dobro de sua participação na média dos grupos (4,8%).

#### **Grupo 8:**

O grupo 8 agrega famílias muito pobres, grandes - com alta proporção de adolescentes e crianças -, com jovens chefes de família e que priorizam a alimentação em casa. Trata-se do menor nível de renda *per capita* familiar média entre todos os grupos, com as despesas de consumo atingindo somente R\$ 73,23 mensais *per capita*. Como esperado, a proporção do orçamento gasta em alimentação é extremamente alta para este grupo – 41,5% contra 23,7% da população em geral, sendo que 70% dessas despesas dirigem-se à aquisição de produtos alimentares básicos (a 'cesta'). Levando em conta que 8,6% das despesas alimentares são efetuadas com alimentação fora do domicílio, fica evidente o quão pouco diversificada é a cesta de consumo alimentar dessas famílias.

Gasta-se proporcionalmente mais com 'vestuário', menos com 'transportes' – onde praticamente todo o orçamento dirige-se a gastos com 'transportes urbanos'. A parte do orçamento dirigida à 'assistência a saúde' é bastante reduzida e praticamente toda consumida na aquisição de 'remédios'. Os gastos com 'educação' são igualmente pequenos e se sobressaem os 'outros' gastos com educação. Gasta-se proporcionalmente pouco também com 'recreação e cultura', 'serviços pessoais' e 'despesas diversas', ficando as despesas com 'fumo' num nível relativo superior ao da média da população.

Este é o único grupo que não apresenta superávit orçamentário. Devido a similaridade entre os perfis de recebimento desse grupo (8) e dos seguintes (9 e 10), decidiu-se adiantar as observações sobre os últimos. Esta semelhança entre as composições do recebimento destes grupos deve-se, sobretudo, à baixa renda que eles apresentam. O rendimento do trabalho é responsável pela quase totalidade do recebimento. Concretamente, a participação do rendimento do trabalho situa-se entre 83,6% (9) e 89,3% (8) - diferença que se deve à maior participação das 'transferências' no grupo 9, que deve estar relacionada à maior idade dos chefes. No grupo 8 destaca-se o rendimento médio dos 'conta-própria', que responde por 27,8% do recebimento total, percentual muito superior à média dos grupos e, mesmo que dos grupos 9 e 10. É interessante notar que as participações dos aluguéis e dos 'outros recebimentos' nesses três grupos, que são muito menores do que na média, aumenta à medida que cresce a renda. Assim, enquanto no grupo 8 – o mais pobre – os 'outros recebimentos' respondem por 1,0% do recebimento total, no 10 – o de maior renda – esta participação é de

3,4%. No grupo **8**, as ‘pensões alimentícias’ encontram-se em posição de destaque dentre as fontes de renda, estando atrás somente do rendimento do ‘empregado’, do rendimento dos ‘conta-própria’ e da ‘aposentadoria de previdência pública’ – situação ímpar frente à média dos grupos, onde as pensões alimentícias ocupam a 8ª posição como fonte de recebimento.

#### **Grupo 9:**

Aqui também o grupo constitui-se de famílias muito pobres, muito grandes - com alta proporção de adolescentes e crianças -, com chefes de idade média e de comportamento alimentar padrão. O perfil acima descrito implica, evidentemente, uma alta participação dos gastos alimentares no orçamento – 36,3% contra 23,7% da média, dos quais 55,8% destinam-se à aquisição de produtos básicos.

Este grupo é o que despende a menor proporção do orçamento com o item ‘habitação’, chamando a atenção a pequena proporção de gastos com os aluguéis – uma exceção entre os grupos de famílias pobres. Como de habitual para famílias de baixa renda, gasta-se uma fatia maior do orçamento com itens como ‘vestuário’, ‘higiene pessoal’ e ‘fumo’; e menor com o ‘transporte’ – centrado em gastos com ‘transportes urbanos’ -, ‘assistência à saúde’ – centrado em gastos com ‘remédios’ -, ‘educação’, ‘recreação e cultura’ e ‘despesas diversas’. Para o último item, é interessante notar em que todos os grupos de famílias pobres – com exceção do grupo **10** – a proporção do orçamento de ‘despesas diversas’ direcionada para as ‘cerimônias familiares e religiosas’ fica acima da média. A comparação com os grupos **1** – ricos e com elevada presença de adolescentes – e **4** – renda média e com alta proporção de crianças – revela que essas famílias extensas e pobres não conseguem atender as demandas de suas crianças e jovens como fazem as famílias ricas, ou mesmo de renda média.

#### **Grupo 10:**

Trata-se de um grupo de famílias pobres, mas menos que os dois imediatamente anteriores, de tamanho superior ao médio - com alta proporção de adolescentes -, com chefes de idade média e que priorizam a alimentação fora do domicílio. A elevada participação da alimentação fora do domicílio – quase 60% - associada à baixa proporção de dependentes, ensejando a inserção de grande parte dos membros familiares no mercado de trabalho. Aqui também se gasta uma proporção do orçamento maior que a média com a ‘alimentação’, mas menor que os grupos mais pobres – a proporção de gastos com a ‘cesta’ de produtos básicos é menor do que a média, e não se deve esquecer que uma parcela importante do orçamento alimentar dessas famílias é despendido com a alimentação fora dos domicílios.

Os gastos com a ‘habitação’ são menores que o observado para toda a população, sendo que os gastos com ‘aluguel’ voltam a ser relevantes. Seu padrão de consumo vai divergir dos demais grupos pobres no que tange à proporção de despesas com ‘transportes’ e ‘recreação e cultura’ – que ficam acima da média da população. Na ‘assistência à saúde’, os ‘tratamentos dentários’ ganham peso. A proporção de gastos com ‘educação’ ainda é ligeiramente inferior à média, mas o comportamento das despesas com os ‘cursos regulares de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar’ chegam próximo ao padrão e a proporção de gastos com os ‘outros cursos’ está bem acima da média.

**Tabela 6**  
**Percentual da despesa média mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo grupos de despesa – 1995/1996.**

Grupos Familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	média
Alimentação	20,80	19,50	21,30	21,30	31,30	20,30	25,10	41,50	36,30	28,50	23,70
Habitação	27,20	29,20	33,50	32,30	27,70	36,50	29,10	23,50	19,40	21,10	28,60
Vestuário	6,70	7,10	6,50	6,60	7,00	3,10	4,90	7,20	8,40	7,80	6,60
Transporte	14,70	17,00	12,80	12,80	11,80	9,00	11,20	10,10	13,10	16,90	13,80
Higiene e cuidados pessoais	1,90	1,60	2,10	1,80	2,50	0,70	1,60	2,60	2,60	1,90	1,90
Assistência a saúde	9,30	7,60	8,40	8,60	7,80	19,00	14,00	5,20	6,20	7,00	9,10
Educação	7,50	4,40	2,60	6,00	2,90	0,50	3,30	1,90	4,00	4,60	4,90
Recreação e Cultura	3,80	4,40	3,60	4,00	2,00	1,80	3,20	1,60	3,10	3,90	3,50
Fumo	1,10	1,40	1,30	1,10	2,10	0,60	1,00	3,10	2,20	2,50	1,40
Serviços pessoais	1,60	1,70	1,70	1,50	1,60	1,90	1,90	1,10	1,60	1,70	1,60
Despesas diversas	5,40	6,10	6,10	4,10	3,30	6,50	4,70	2,10	3,20	4,10	5,00
Participação das despesas de consumo no desembolso global	69,90	67,10	69,60	67,00	85,10	74,90	67,80	88,30	82,70	79,80	71,40
Participação do desembolso global no recebimento	82,10	90,80	86,80	91,50	85,60	73,40	79,40	100,00	89,90	85,00	85,60

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

**Tabela 7**  
**Percentual do recebimento médio mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento – 1995/1996.**

Grupos Familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	média
Rendimento do Trabalho	78,50	79,70	73,30	83,90	74,90	20,50	45,70	89,30	83,60	86,10	74,10
Transferência	9,70	10,20	12,00	3,40	18,20	60,20	38,10	9,10	14,10	8,40	14,40
Rendimento de Aluguel	4,10	1,50	3,90	1,60	2,20	8,20	4,60	0,50	0,60	2,00	3,10
Outros recebimentos	7,80	8,50	10,80	11,10	4,70	11,10	11,60	1,00	1,60	3,40	8,40

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

### 3.4. Observações finais

Foi possível, através do exame do comportamento dos diferentes grupos observar que, de fato, as variáveis socioeconômicas elencadas pela análise fatorial influenciam, em maior ou menor grau, o padrão de consumo dos diferentes grupos.

O gasto em assistência à saúde parece relacionar-se mais à idade que a outras variáveis, enquanto a composição destes gastos - se com 'seguro saúde' ou 'remédios', por exemplo - é influenciada essencialmente pela renda familiar e mesmo pelas faixas etárias de seus componentes. Como esperado, os remédios têm um peso relativamente alto no orçamento de famílias ricas com alta proporção de idosos e muito alto no de famílias pobres em geral.

A baixa proporção de gastos das famílias pobres com a 'habitação' associa-se, em geral, à baixa utilização dos serviços domésticos; e as despesas com aluguéis parecem correlacionar-se mais com a idade do chefe que com o nível de renda familiar *per capita* - reflexo, provavelmente da condição de ocupação dos domicílios, isto é, a participação de domicílios alugados.

A título de esclarecimento, são apresentados, na Tabela 9, os dados relativos a idade do chefe, percentagem de imóveis alugados, participação dos gastos com aluguéis nas despesas de consumo e o recebimento familiar mensal *per capita*. Com esses dados é possível verificar que há uma associação negativa entre a idade do chefe e a "não propriedade" do

domicílio – o que parece não se observar entre o recebimento familiar *per capita* e a participação de domicílios alugados.<sup>5</sup>

**Tabela 8**  
**Participação dos domicílios alugados e dos gastos em aluguéis nas despesas de consumo, idade do chefe e recebimento familiar mensal *per capita*, segundo grupos familiares – 1995/1996.**

Grupos	% domicílios alugados	% gastos aluguéis no consumo	idade do chefe	recebimento familiar mensal per capita (R\$ set. 96)
1	14,8	4,6	44	690,66
2	27,0	8,0	37	757,96
3	31,3	9,9	39	797,25
4	24,0	8,5	33	477,55
5	16,2	6,5	48	204,33
6	7,3	3,3	75	772,35
7	11,0	4,1	68	672,07
8	16,2	5,4	37	82,90
9	11,1	2,6	53	140,51
10	17,7	4,8	48	280,69
<b>geral</b>	18,8	6,2	45	444,94

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

Os gastos com educação, por sua vez, estão sensivelmente ligados à renda *per capita* familiar, dados a baixa qualidade do ensino público de 1º e 2º grau e a perversa distribuição de renda que existe no país – que obriga parte desses jovens a deixar de estudar para complementar a renda familiar. A composição destes gastos, por sua vez, parece associar-se mais ao padrão etário das famílias.

Assim, enquanto as famílias ricas que possuem crianças e/ou adolescentes gastam mais com os ‘cursos regulares’, as pobres gastam com os ‘outros cursos’ ou ‘outros’ itens de educação; e as famílias ricas e jovens que não possuem crianças e/ou adolescentes, destinam uma parte mais significativa do seu orçamento para os ‘outros cursos’, gastos que provavelmente refletem a atualização profissional dos adultos. Mais uma vez, a título de esclarecimento, decidiu-se investigar para o universo dos adolescentes (11 a 20 anos), a participação deles como fonte de recebimento – *proxi* de inserção no mercado de trabalho, a frequência à escola, a escolaridade média, com o objetivo de ilustrar/corroborar algumas conclusões acerca dos perfis de gasto (Tabela 10).

Considerando os grupos em que a proporção de adolescentes chega a mais de 30% das pessoas das famílias, verifica-se que naqueles de menor renda há uma maior participação desses jovens no mercado de trabalho, enquanto que no grupo mais rico (1) é maior a presença de jovens na escola.

<sup>5</sup> Vale citar que em MORAIS et all (2001) há um modelo lógite para a probabilidade de o domicílio estar em área de favela, sendo negativo o efeito da idade. Deve-se ter presente que esse resultado não indica que exista maior probabilidade de se ter casa própria à medida que cresce a idade do chefe.

**Tabela 9**  
**Características da população de 11 a 20 anos, participação de alguns itens e subitens no orçamento e recebimento familiar mensal *per capita*, segundo grupos familiares selecionados, 1995/1996.**

Grupos	Adolescentes					% nas despesas de consumo					recebimento familiar mensal <i>per capita</i>
	% família	% com recebimento	% frequência a escola	anos de estudo	idade média	cursos regulares	Alimentação fora	recreação e cultura	outros cursos	transporte urbano	
<b>1</b>	31,18	19,8	87,1	7,1	15,2	5,22	4,22	3,84	1,05	2,96	690,66
<b>5</b>	30,62	23,1	74,5	5,7	15,3	1,48	1,97	2,01	0,53	7,57	204,33
<b>9</b>	32,54	28,1	70,3	5,0	15,5	2,13	7,00	3,05	0,82	8,69	140,51
<b>10</b>	32,56	31,5	71,0	6,2	15,9	2,93	16,91	3,95	0,80	10,37	280,69
<b>média</b>	16,83	23,9	75,0	6,1	15,4	3,14	4,97	3,55	0,77	4,38	444,94

Fonte: POF 95/96 – IBGE. Elaboração dos autores.

Concretamente, enquanto nos grupos **5**, **9** e **10** cerca de 30% dos jovens apresentam alguma fonte de recebimento, no **1** tal participação é de 20%. Quanto à frequência à escola, nos três grupos pobres cerca de 70% dos jovens encontram-se na escola, frente a uma participação de quase 90% no grupo rico. Verifica-se, ademais, uma clara correlação entre o nível de renda e a escolaridade dos jovens, bem como entre renda e percentual de gastos em cursos regulares.

Em relação à composição dos gastos, chamam especial atenção os grupos **9** e **10**, particularmente o último, onde parcela importante dos jovens encontram-se inseridos no mercado de trabalho, o que implica em maiores participações dos gastos com transporte urbano e alimentação fora do domicílio. Nesses grupos se nota, também, que os gastos com ‘outros cursos’ têm participação no orçamento semelhante à do grupo de maior renda (**1**).

Com relação aos gastos com ‘transportes’ estes se apresentam bastante idiossincráticos entre os grupos. A sua subdivisão entre as despesas com ‘transportes urbanos’ ou com ‘veículo próprio’, entretanto, mostra-se intimamente ligada à renda familiar – famílias de alta renda costumam ter gasto significativo com o ‘veículo próprio’ e as de baixa renda com os ‘transportes urbanos’.

Vale ainda, observar dois aspectos interessantes que escapam ao comportamento mais geral das variáveis observadas: o fumo, ao assumir uma proporção razoável do orçamento das famílias pobres, revela que estas poderiam estar direcionando uma parte maior de sua renda para despesas mais ‘nobres’, como a diversificação alimentar, os gastos com educação, recreação e cultura, podendo ser alvo mais explícito de campanha governamental.

### Referências Bibliográficas

- ARIAS, A. R. **Estimativas de indigência e pobreza no Brasil no período 1990/1996: resumo metodológico e resultados**. Ipea, Brasília, mar. De 1999. Documento preparado no âmbito do Projeto Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas, mimeo.
- BACHA, E. **Os mitos de uma década: ensaios de economia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- EVERITT, B. S. **Cluster Analysis**. New York: Halsted Press, 1993. 170p.
- HOFFMANN, R. **Componentes Principais e Análise Fatorial**. Série Didática. ESALQ/USP, Piracicaba, n° 90, 1999.
- KAGEYAMA, A.; LEONE, E.T. **Uma tipologia dos municípios paulistas com base em indicadores sociodemográficos**. Texto para discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n° 66, jan/99.

- KAGEYAMA, **Uma tipologia dos domicílios agrícolas no Brasil em 1995**. Texto para discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n° 70, mai/99.
- MORAIS, M. P.; CRUZ, B. O.; OLIVEIRA, C. W. A. **Residential segregation and social exclusion in brazilian housing markets**. Annual Meeting of the Latin American Regional Economics Society, 2001.
- ROCHA, S. **Renda e Pobreza – Medidas Per Capita versus Adulto-Equivalente**. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para discussão no 609, nov.1998.